

ÉPOCA

A MODERNA REVISTA SEMANAL DE INFORMAÇÃO

R\$ 6,90 N° 347 10 janeiro 2005

www.epoca.com.br



NESTA EDIÇÃO

ENTREVISTA



Dom Geraldo Majella fala sobre homossexualismo, células-tronco e aborto de anencéfalos



EM FORMA SEM SOFRIMENTO

- OS SEGREDOS PARA EVITAR AS LESÕES E O DESCONFORTO DE QUEM VOLTA A MALHAR
- GUIA PARA UM NOVO CORPO EM 2005

EDITORA GLOBO

EXEMPLAR DE ASSINANTE
VENDA PROIBIDA

Quando a torneira secará

Em duas décadas, cerca de 2,8 bilhões de pessoas viverão em países sem água suficiente para todos

HELENA FRUET

A humanidade usa a água doce como se fosse um recurso infinito. Escasso em algumas regiões, mas abundante no planeta azul. Essa ilusão de disponibilidade interminável vem sendo quebrada nas últimas décadas. Grandes rios, como o Amu Darya, que corta a Ásia Central; o Amarelo, da China; o Colorado, nos Estados Unidos; e o Rio Grande, no México, já ficam secos durante boa parte do ano. As regiões alagadas do mundo, como o pantanal americano dos Everglades, perderam metade de sua área. E os depósitos subterrâneos de água estão secando em todos os continentes. Será que vai faltar água? Cada vez mais especialistas apostam que sim.

A pesquisadora Sandra Postel, do Worldwatch Institute, afirma que o mundo demorou muito para começar a pensar no aproveitamento correto da água doce. "Só agora,

No Brasil, só há escassez devido ao desperdício e à poluição

com grandes desastres ambientais causados pelo mau uso, é que a humanidade está começando a se preocupar com o assunto", afirma. As previsões são pessimistas. Dentro de 20 anos, segundo o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (Unep), 48 países deverão enfrentar escassez ou falta extrema de água, o que afetará uma população de 2,8 bilhões de pessoas. Esse número poderá subir pa-

ra 4 bilhões em 2050 se nada for feito. Países como Etiópia, Índia, Quênia, Nigéria e Peru já têm escassez em algumas de suas regiões. Em cinco décadas, vai faltar água para abastecer toda a população. Países grandes como a China e os EUA também terão problemas para irrigar seus cultivos em algumas regiões. O Worldwatch informa que 25% da população mundial vive em países que se aproximam rapidamente da condição de falta extrema de água – quando há menos de 1.000 metros cúbicos por habitante por ano, considerado o mínimo necessário para a sobrevivência.

O Brasil, felizmente, é um dos países onde o problema é menos grave. "Segundo a classificação do Banco Mundial, alguns Estados brasileiros estão entre os mais ricos do mundo em água, igualando-se a países como Suécia e Finlândia", compara o geólogo Aldo Rebouças, do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo. Mas ainda não há razão para orgulho. O Brasil vem sujando e desperdiçando sua riqueza. "A não ser no semi-árido nordestino, onde existe escassez natural, só há falta de água ou necessidade de racionamento no Brasil devido ao desperdício, à poluição e à falta de

regras para o uso dos recursos hídricos", explica o diretor-presidente da Agência Nacional de Águas, Jerison Kelman. É por essa razão que uma cidade como São Paulo sofre com o racionamento, apesar de ter dois grandes rios cortando a metrópole. "O Tietê e o Pinheiros foram tão mal utilizados que sua despoluição levará anos", diz Kelman.

A seu favor, o Brasil ainda conta com um impressionante estoque de água subterrânea, especialmente no Aquífero Guarani. Poderia abastecer uma população de 150 milhões



Aquífero Ogallala (Estados Unidos): um quinto das terras irrigadas nos Estados Unidos mantém-se com as águas do Ogallala, que se espalham por oito Estados. Prevê-se que o recurso acabe em 15 anos



Um país começa a enfrentar racionamentos e compromete a manutenção dos ecossistemas quando usa mais de 20% da água que circula em seu território, o que inclui o volume dos lagos, rios e depósitos subterrâneos



Rio Colorado (Estados Unidos e México): nos últimos anos, o rio deixou de chegar ao mar. O delta em sua foz virou uma planície seca. Deve continuar minguando

COMO ESTARÃO OS NÍVEIS DE ÁGUA NO MUNDO EM 2025



Nilo (Egito e Etiópia): cerca de 85% das águas do Nilo brotam na Etiópia, que está construindo uma série de barragens. A redução no fluxo para o Egito deverá gerar conflitos nos próximos anos

Cagatay Ergun



Mar de Aral (Rússia): o uso excessivo de água para irrigação reduziu para dois terços o volume do mar interior, transformando em deserto colônias de pescadores. Difícilmente vai se recuperar



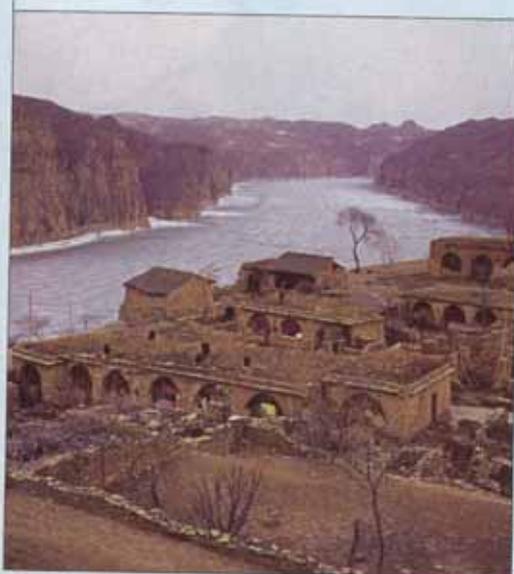
Quanto usará do total disponível

- Mais de 40%
- De 40% a 20%
- De 20% a 10%
- Menos de 10%



Rosamrit Olson

Rio Amarelo (China): o mais importante rio da China deixou de alcançar o mar em 1997. Em poucos anos, não chegará mais à província de Shandong, que produz 20% do milho e 14% do trigo do país



Liang Zhuomeng

de pessoas por 2.500 anos, sem reposição. Mas a perfuração sem controle de poços artesianos pode contaminar parte desse enorme aquífero.

Os efeitos do mau uso já ficaram claros nas últimas décadas. O exemplo mais evidente do mau uso de um recurso hídrico é o caso do Mar de Aral, na Ásia Central. Ele era o terceiro maior lago

do mundo, mas perdeu metade de sua área graças à retirada excessiva de água dos rios que o abastecem e a projetos infelizes de transposição. Para que desastres dessas dimensões não se repitam, soluções inovadoras para economizar água serão cada vez mais importantes nos próximos anos. Métodos sofisticados de irrigação, que só aplicam água na quantidade exigida pelas plantas, serão mais difundidos. Hoje, são utilizados em apenas

1% da área irrigada no mundo. O cultivo de arroz no Sudeste Asiático, que concentra 90% dessa cultura e sofre com escassez de água, terá de mudar. Estudos revelam que a prática tradicional de inundar os campos não é essencial. É possível aplicar até 70% menos água sem reduzir a colheita. Na Índia, organizações de agricultores estão revivendo os diques tradicionais para acumular água das chuvas. Só no distrito de Rajasthan, os 2.500 açudes conseguiram recompor os depósitos subterrâneos de água, cujo nível subiu de 60 metros para 6 metros sob a superfície. O melhor sinal para o futuro é que as indústrias, que usam 59% da água em países desenvolvidos, começam a ver que podem lucrar. Com medidas criativas, como captar água das chuvas, a siderúrgica americana Columbia Steel já economiza US\$ 588 mil por ano.